



A dialética agregadora da lírica

Mecânica aplicada, de Nuno Rau

Roberto Bozetti*

“diga logo o que você tem a dizer e saia”: o verso-poema é a *ars poetica* de Nuno Rau em *Mecânica aplicada* (2017). Sua poética. Ou talvez não. Surge de chofre, como o 40º texto no conjunto do livro, ao qual se seguem mais 12, compondo o belo volume com 88 páginas, de trabalho gráfico apurado. Mas, taxativo-zombeteiro, “ars poetica” (p. 63) não abre o livro, como se poderia esperar se ali estivesse a fazer o papel que se outorga (e seria legítimo que disso se suspeitasse): o de ser uma poética; e, o que talvez ainda mais surpreenda, “ars poetica” também não é o fecho, após o qual o silêncio que se seguiria quem sabe sugerisse a ordem dada pelo poeta a si próprio e por ele mesmo obedecida. Não: o verso-poema vem depois de uma catadupa – perdão, o termo é um tanto anacrônico para um livro que se apresenta tão pós-pós, ou melhor, “atravessado pelos signos da ultramodernidade”, como diz Antonio Carlos Secchin na quarta capa – atordoante de entradas e saídas dos mundos reais e virtuais que todos vivenciamos na medida do (ainda) possível. Depois de sua irrupção tão surpreendente, “ars poetica” nos abre a continuidade rumo ao fim da viagem para uma dúzia, não menos, de sonetos, sim, no rigor do decassílabo. E não é nem que em suas

* Poeta e professor adjunto de Teoria da Literatura na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

páginas anteriores *Mecânica aplicada* já não os trouxesse: eles estão no primeiro, “entreato: imago mundi”, e agora prosseguirão no segundo, “opera mundi”, antes de nos levarem aos cinco da quinta e última seção do livro, “mecânica aplicada”, totalizando 52 poemas, 19 dos quais, sonetos.

No rigor do decassílabo, Rau surpreende pela junção de apuro formal e ousadia. Já há algum tempo que o soneto vem passando por uma daquelas cíclicas reafirmações de vigor entre nós, graças ao engenho de alguns dos melhores poetas contemporâneos. E a pedra de toque tem sido justamente esta: junção de rigor e risco, sístole e diástole: ou seja, na melhor lição moderna e modernista, deita-se, através da dicção elástica e engenhosa (cada caso é um caso), o aparentemente mais banal, corriqueiro ou mesmo desimportante, ou grosseiro do cotidiano, no leito que não mais é o de Procusto, leito da forma fixa, que se aprendeu a usar confortavelmente. É o que temos em craques sonetistas como Glauco Mattoso, Paulo Henriques Britto e Marcelo Diniz – este em boa medida ainda inédito em livro, o que em breve ele mesmo promete que se resolverá. E em Nuno, igualmente perito e percuciente, o que temos são sonetos monostróficos (como são os de Antonio Cicero, como eram os de Mário Faustino), e seu resultado de maior ousadia – e êxito enquanto realização – está no extraordinário “trajeto”, um soneto tmético, que não resisto a transcrever:

entrar [, violento, abrupto como cápsula
de metal, nave que incandesce enquanto
cai no ar denso, metáfora brilhando
rubra na escuridão do céu, diáspora
em que não se sai, antes se mergulha

no nada até rebentar no chão qual
 semente e, assim, germinar] **no real,**
cair [, precipitar-se numa fuga
 pelo abismo, voluntário mau passo
 no vazio, deixando o chão que o arranha-
 céu alçou, artificial e estranha-
 mente, ao antes impossível espaço
 dos pássaros, verter-se até o fim
 como quem não vai se encontrar] **em si.**

(p. 31)

Aqui, o poeta nos repõe face ao melhor da tradição mallar-
 maica (não fosse ele o principal agitador/editor de *mallarmagens*
 – revista de poesia e arte contemporânea), considerada como uma
 tradição capaz de juntar ao mesmo tempo as tmeses do “coup de dés”
 e a construção impecável do verso, posto que em crise. A capacidade
 de ser bem-sucedido nessa empreitada tem muito a ver com o espírito
 por excelência agregador de Nuno – desculpem o “agregador”, termo
 tão clichê hoje, mas explicarei: em texto de sua própria autoria, na
 orelha de *Mecânica aplicada*, ele diz, a respeito das quatro epígrafes
 que abrem o volume (delas tratarei mais adiante), que a elas recorre
 “na esperança de que esta mecânica não faça parecer que a subversão
 prescinde da tradição, ou da experiência acumulada por tantos”. O
 soneto tmético a que me referi, portanto, incorpora perfeitamente
 bem essa junção de subversão e tradição, não porque ele seja inova-
 dor em si (ou sofresse do “fetiche do novo”, para recorrer mais uma
 vez a Antonio Cicero), mas porque dialoga em tensão contínua com
 aqueles poemas do livro em formas livres (a maioria), inquietos e
 perturbadores, como se evidencia desde o primeiro, “tutorial”: “não

é um espelho o mundo, nem / moído, cerol / colado na meada / dos dias que se desenrolam com a goma / do espanto [...]” (p. 13). É também o mesmo princípio agregador que promove o diálogo, desde a abertura, entre as quatro epígrafes que encimam seu portal, de luminares que tematizaram a “máquina do mundo” (Dante, Camões, Drummond, Haroldo de Campos) e a poesia da canção (os *samplers* dos universos punk e funk, os ecos de Caymmi, Tom, Dolores Duran, Chico Buarque), e/ou poetas contemporâneos (além dos já citados acima, também alguns visíveis acenos na direção de Sebastião Uchoa Leite, Carlito Azevedo, Armando Freitas Filho), pelos quais o tema perpassa, mesmo que lateralmente: nesse sentido, é exemplar a imagem de um mundo autotriturante no moinho de Cartola, no final do poema “zeitgeist, ou parapsicologia da composição”, que resvala ainda em Drummond, Álvaro de Campos e o antípoda deste, João Cabral: “Mas não me cabem passos nesta dança, / só a sensação de ter perdido o bonde / e visto as tais flores no ar [*sem hastes*], / quando, virando cabos e esperanças, / uma voz sussurrava não sei onde: / ‘Ainda é cedo, amor, mal começaste’...” (p. 68). Por que falo em espírito agregador? Porque, na verdade, nas páginas de *Mecânica aplicada* não se marcam, em nenhum momento, as fronteiras outrora tão distintas entre o “alto” e o “baixo” – sequer se insiste aqui na necessidade fatal de apagá-las; elas já o foram e isso está superado. Se pelo menos desde os anos de 1970 não se trata de nenhuma novidade, melhor para esta poesia e este poeta: a máquina do mundo – mais do que tema falsamente oculto do livro – é a diretriz e a motriz de um roteiro que se perde. Intencionalmente. Tanto sua perda quanto o falseamento do que é oculto são propositais. E nessa busca pelo perdido já de saída, ou encontrável apenas em uma dimensão insuspeita (“amores serão sempre amáveis”, Chico Buarque cochicha em meus ouvidos),

irmanam-se todos, e a voz de Nuno junta-se a essas outras vozes: agregador e, sobretudo, democrático.

O espírito agregador e democrático que preside a concepção de poesia (enquanto escrita, mas também prática social) de Nuno ficou claro numa mesa-redonda de que participamos recentemente, promovida pelo Curso de Letras da UFRRJ. Resumindo e, buscando neste passo total fidelidade a suas palavras, reporto que para ele é como se existisse “um salão em que as pessoas fossem entrando, de início um pessoal a que deram o nome de Homero, depois entra Hesíodo”, e assim é como se o salão fosse se tornando repleto de pessoas movidas pelos mesmos interesses, salão no qual entram também ele, Nuno, todos os demais que se dedicam e se interessam por poesia, todos nós, enfim, concebendo a poesia como uma grande atividade de caráter simposial, que em cada poeta se desenvolve premida entre essa voz que tende ao coletivo (o “poemão” de que falava Cacaso, a respeito dos poetas da década de 1970, mas agora em viés transtemporal) e a voz própria de cada um, que incorpora refratariamente aquelas vozes que escolhe para compor sua própria. O simposial, desde os primeiros vagidos da modernidade, sofre afinal as dores da fissura crítica, que fende a almejada – não mais – voz única. Nos termos de Pound/poetas concretos, isso equivaleria, claro, ao paideuma totêmico, com as exigências próprias do totem no espírito desagregador, tanto quanto agregador das vanguardas. Se Nuno não fala explicitamente em paideuma, é óbvio que o eixo de seleção, paradigmático, do que lhe interessa na tradição poética – que deve interessar a todo poeta que se quer como tal – existe, e está encarnado em cada poema e no seu conjunto. Daí que o “diga logo o que você tem a dizer e saia” é para deixar dizer o que o outro tem a dizer, que passa a ser o que você também tem a dizer, daí por

diante – o interesse que une os participantes do simpósio é o mesmo, mas as vozes são diversas, divergem. E é assim que conseguimos, não sem esforço, amarrar o todo do livro aos poemas da primeira seção, “subversio machinae (manual)”; acrescenta-se que o profundo mergulho na paisagem urbana e, nos dias que correm fora e dentro do livro, cibernética, evoca, além do mais de alguma maneira, alguns procedimentos da Beat Generation (que também tinha o seu de simposial), ajudado por um intrigante “você” que atravessa todos os poemas da seção, e que por vezes (mas nem sempre) se completa fortuitamente num “nós”: “caminhando pelo estacionamento / vamos para o desconhecido fingindo que o destino / é o restaurante, conversa / furtiva, risos, essa tarde e sua beleza / impressa de passagem nos espelhos parece / lembrar que o desconhecido pode ser / o nada, você / ainda acredita na felicidade [...]” (p. 21). Quer dizer que não devemos nos iludir: o caráter democrático também se faz de dissensão e dispersão, como fica claro, pouco mais adiante, no último poema da mesma seção: “leia se puder / o que segue escrito na carne dos dias / [...] / não / você não / pode” (p. 26).

Voltando agora ao que propus de início, talvez seja por isso que “ars poética” pode fazer as vezes de uma última tentativa – ficta – de conter a dispersão, ao encaminhar o arremate em sonetos. Por fim, penso ser preciso dar a devida importância ao que diz o poeta a respeito dessa específica reunião de poemas que compõem o todo de *Mecânica aplicada*, melhor dizendo, a respeito da supremacia da dispersão sobre o próprio espírito agregador e democrático, conforme eu vinha insistindo – embora isso possa ser uma aceitação um tanto passiva de um processo de racionalização do poeta ao ler a si próprio. Aceito o risco, resta deixar claro o que pretendo dizer. É a uma cena de sua infância que Nuno recorre,

quando, com seis ou sete anos, me achei capaz de consertar o chuveiro elétrico de casa, cujo defeito era apenas a resistência queimada. Munido de chaves de fenda, alicates e outras armas, me lancei à batalha que foi desmontar – desnecessariamente, claro – todo o chuveiro, que terminou diante de mim como um amontoado de peças que não se encaixavam mais umas nas outras; eu não tinha a menor noção de como poderia remontar tudo de forma a dar àquela sucata, pelo menos, a antiga aparência de um chuveiro – já um chuveiro que funcionasse era, evidentemente, um objeto inatingível. Acho que me aconteceu o mesmo, mais tarde, na relação com o mundo (Rau: 2017, orelha).

Se o fecho em sonetos não sinaliza nada da ordem de ser uma espécie de rendição a um conformismo reacionário, do tipo “voltar ao soneto como uma forma poética de remissão” (por isso, no fundo, é ficto o esforço de conter a dispersão), é preciso avançar no entendimento de que Nuno (arquiteto de formação e professor de História da Arte) se volta para a arquitetura, em *Mecânica aplicada*, como a feitura de um diálogo em dissenso com o que parece o excessivo servilismo e utilitarismo da arquitetura, no conjunto da máquina contemporânea do funcionamento capitalista, isto é, no *tópos* da “máquina do mundo”: e fecho aqui, deixando uma última – e, quem sabe, fecunda, até onde chegar meu possível acertado – sugestão. Vamos a ela.

Me parece que há nos rastros visíveis deixados por esta poesia, tão extraordinariamente rica e inquieta, algo que reitera inconformismo, que transcende tanto a tradição enquanto tradicionalismo, quanto a vanguarda enquanto tradição. Talvez seja

mais produtivo ler o olhar enviesado da desconfiança moderna, ante a máquina do mundo em *Mecânica aplicada*, aproximando-a, quero crer, a Murilo Mendes, mais do que a Drummond, ou mesmo Haroldo (para ficarmos com os coetâneos que Nuno tomou como epígrafes). Arriscaria listar algumas pistas que fundamentassem o que digo, de modo a findar aqui com uma hipótese aberta, mas com algum direcionamento: Murilo é, mais do que Drummond, o poeta que se manteve até o fim no verso áspero, cheio de arestas, quase hostil, fiel à música dissonante da modernidade (como notou Lauro Escorel em célebre artigo, referido por Antonio Candido), mais do que à melopeia da lírica luso-brasileira (perceptível, no entanto, em vários momentos de *Contemplanção de Ouro Preto* e de *Tempo espanhol*). Certa aspereza “selvagem” tem mais a ver em Nuno e Murilo com a dispersão e o dissenso, ante a máquina do mundo – de resto, nunca tematizada explicitamente pelo outro grande modernista mineiro –, do que com seu desencantamento e desencanto, como se lê em Drummond. Também o pendor violentamente surrealista de certas imagens presentes na poesia de Nuno (já mencionei algo que o aproxima dos beats) autorizaria a pensar assim. Ante o espetáculo hostil do contemporâneo, Nuno me parece mais próximo do autor de *Convergência*, que lidava com uma utopia crística plácida, mas desesperada – sua “poesia em pânico” –, afim ao “manual da máquina do mundo-cão”, como está no soneto que abre a seção “mecânica aplicada”. O diálogo incessante e aberto com nomes icônicos do contemporâneo nas artes também parece dialogar de perto com Murilo, simposial que apostou no convívio democrático e nas diferenças que sustentou com a ortodoxia religiosa de onde provinha. Se não há resquícios de religiosidade na poesia de Nuno Rau, seu espírito agregador, no seio mesmo das diferenças, vê na

dispersão e no dissenso as únicas forças capazes de sustentar o gume da criação sem a violência gratuita das rupturas.